

marias

Daniel Cardoso Alves¹

São quase cinco da matina
Ainda noite
O morro dorme
Não posso perder a hora
Levanto
Preciso vencer o leão
Desde agora

Batalhadora, ora
Não sou herdeira
Deixo de enrola
Da cama, pulo
Piso com o pé direito
Dou um susto no rosto
Engulo um café
Passo um batom
Enfio um grampo no cabelo
Me enfeito
Rumo embora
Valei-me Nossa Senhora!

O sinal da cruz me zela
A reza de Ave Maria me sela
E a Kombi me leva
Me junto aos meus na lotação
Proletária
Com a bolsa ombro
Cochilo em pé
Vou na fé

Sou maria
Preta trabalhadeira
Pessoa íntegra, verdadeira
Mal escrevo meu nome
Minha mãe foi lavadeira
Não tive pai
Pari quatro

¹ Doutor em Educação. Mestre em Ciências Ambientais. Especialista em Análise do Espaço Geográfico. Geógrafo, pedagogo e filósofo. Professor adjunto da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: dca.uemg@gmail.com.

Cada um de um
Crio todos, sem pai
Mito mulher guerreira

Todo dia é dia
De limpar a poeira
Da família da patroa
Fazedora de sujeira
E de toda sorte de nojeira
Gente sorrateira

Quatro bocas dependem de mim
Mãe maria preta solteira
Sem direito a brisa, eira e beira
Marginalizada uma vida inteira
Doméstica
Sem carteira
Brasileira

Dos quatro, um ascendeu
Se fez professor
Doutor
Uma casa me deu
No morro não me esqueceu
O ciclo rompeu
Determinismo roeu

Por mim, cresceu
Minha garra não desmereceu
Com ele, novo *cursus* nasceu
A luta não o esmoreceu
Fruto filho subversivo
Estas letras escreveu
Venceu!